

Sujeito constituído e escrita constituinte

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3321>

Simone Maximo Pelis¹
Nirvana Ferraz Santos Sampaio²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a escrita como possibilidade de significação do sujeito afásico. O olhar para a escrita fundamenta-se na concepção de linguagem, seja verbal ou não verbal, enquanto atividade constitutiva do ser humano. Dessa forma, o afásico pode recorrer a ela para se (re)constituir enquanto sujeito, posicionando-se social e historicamente, mediado pela afetividade. Para tanto, apresenta-se a análise de dados de um sujeito afásico com hemiplegia à direita em decorrência de acidente vascular cerebral. Este trabalho fundamenta-se na neurolinguística discursiva alinhada a conceitos da Linguística e da Psicanálise. Considera-se a escrita, enquanto ato de linguagem, como ordenadora do mundo caótico do sujeito afásico e como possibilidade de reapropriação da sua história e da sua identidade.

Palavras-chave: escrita; significação; afasia.

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; simone.maximo@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-6926-240X>

2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; nirvanafs@terra.com.br; <http://orcid.org/0000-0001-5317-6569>

Constituted subject and constituent writing

Abstract

The aim of this article is to present writing as a possibility of meaning for the aphasic subject. The look at writing is based on the conception of language, whether verbal or non-verbal, as a constitutive activity of the human being. In this way, the aphasic person can use it to (re)constitute himself as a subject, positioning himself socially and historically, mediated by affectivity. Therefore, we present the data analysis of an aphasic subject with right hemiplegia as a result of a stroke. This work is based on discursive neurolinguistics aligned with concepts of Linguistics and Psychoanalysis. Writing, as a language act, is considered to organize the chaotic world of the aphasic subject and as a possibility of re-appropriating its history and identity.

Keywords: writing; meaning; aphasia.

Considerações iniciais

O trabalho aqui apresentado é fruto de um recorte de pesquisa desenvolvida no doutorado, intitulada "O Silêncio na Afasia", originária de desdobramento da pesquisa de mestrado intitulada "O Silêncio na linguagem do idoso institucionalizado". Na pesquisa inicial, além de reconhecido como linguagem, o silêncio é analisado como valor linguístico modulado por uma equação que demonstra que ele resulta da soma de todos os sons internos e todos os sons externos em equilíbrio. Logo, o silêncio não é vazio, ele sempre está preenchido por sentidos.

Sampaio (2006), ao trabalhar com questões de linguagem na afasia, chama a atenção para o fato de que pensar sobre o silêncio é pensar que, na história da humanidade, ele tem diferentes funções, usos e estratégias. Dessa forma, pode-se mesmo pensar que momentos de silêncio alternam-se com o ato de falar, tecendo uma intrincada rede de significações, desde o surgimento dos primeiros homens e sua necessidade de formação social. A autora salienta que os estudos de Bauman (1971) e de Burke (1995) indicam que, nas sociedades, as pessoas não falam o tempo todo e que o silêncio tem diversos sentidos. Em seguida, Sampaio recorre ao estudo de Orlandi para organizar os seus argumentos, observar e analisar aspectos do silêncio na afasia.

Ao refletir sobre os sentidos do silêncio, Orlandi (1995) apresenta as seguintes características: (i) há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido, e as próprias palavras transpiram silêncio, alertando que há silêncio nas palavras, uma vez que são atravessadas de silêncio, produzem silêncio e silenciam e (ii) o estudo do silenciamento, que não é o silêncio, mas o "pôr em silêncio". De acordo com Orlandi (1995, p. 12), o primeiro aspecto "livra o silêncio do sentido 'passivo' e 'negativo'

que lhe foi atribuído nas formas sociais da nossa cultura”; e o segundo aspecto “liga [o silêncio a] o não-dizer à história e à ideologia” (ORLANDI, 1995, p. 12). Dessa forma, esse processo de produção do sentido silenciado é distinto do que se tem estudado sob a rubrica do implícito. Assim, Sampaio (2006, p. 45) argumenta que isso ocorre:

Porque a significação implícita ‘aparece como sobreposta a uma outra significação’. Ela [Orlandi] defende que o sentido do silêncio não é algo juntado, sobreposto pela intenção do locutor: há um sentido no silêncio. Dessa forma, o silêncio, relegado a uma posição secundária, como ‘resto’ da linguagem, é um fator essencial como condição do significar.

Estudar a linguagem é considerar toda forma de manifestação pela qual esta se apresenta. Como exemplo, o silêncio, que é linguagem, possui valor linguístico e ocupa lugar nos enunciados, fundamentando e consolidando sentidos. É no sentido que identificamos o sujeito revelado pela e na linguagem, verbal e não-verbal. Resultante de atos de silenciamentos, o silêncio é um processo alternativo de significação possível no rearranjo da linguagem como apresentado por Maximo Pelis (2020), em seu estudo sobre a linguagem do idoso institucionalizado. Nesse trabalho, a autora tipifica formas de silenciamento, entre as quais o silenciamento fisiológico que ocorre quando comprometimentos de ordem orgânica impedem o sujeito de expressar-se por meio da fala e/ou compromete essa forma de expressão, e cita como um dos exemplos a afasia (MAXIMO PELIS, 2020).

Desde a afasiologia, a afasia é considerada como alteração da linguagem decorrente de lesões cerebrais que afetam áreas relacionadas à linguagem. De acordo com Coudry (1988, p. 5), a afasia “se caracteriza por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais), produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central”, assim, conforme a autora, pode haver privação de recursos linguísticos de produção ou de interpretação por conta dessas lesões corticais e subcorticais.

Na afasia, as funções da linguagem como a capacidade de expressão verbal, encontrar as palavras, compreender, ler e escrever sofrem significativas alterações. Resultante de evento fisiológico, o afásico torna-se um sujeito silenciado, e o silêncio é a maior das manifestações de um universo em desalinho. O mundo do sujeito afásico torna-se caótico: a linguagem que ordena a vida se torna uma ponte que não liga um ponto ao outro, sem começo e sem fim, suspensa em um limbo de ideias sem sentido e sem conexão aparentes. E o sujeito, ora constituído na e pela linguagem, encontra-se esfacelado, ecoando silêncio ruidoso, perturbadoramente desequilibrado pelo som externo que seu universo agora limitado lhe impõe. Afasia é um sintoma e o silêncio nesse sintoma também pode ser observado.

A neurolinguística discursiva, ao considerar que “a linguagem não é a história do homem, mas, ela constrói essa história” (FRANCHI, 2011, p. 11), propõe a possibilidade de a pessoa com afasia retomar e se reapropriar da sua história por meio de rearranjos da linguagem, pronunciados quando esta é posta em movimento. Dessa forma, questiona-se: e quanto à afasia, como se dá com sujeitos afásicos a expressão escrita de seu próprio nome? Que mecanismo de ressignificação pode ser acessado quando faltam os recursos fisiológicos?

O ato de escrever é uma das formas de expressão da linguagem. A linguagem que (re) constrói a história do homem e o (re)constitui. A linguagem pela qual ele se expressa conduz suas subjetividades e consolida seus sentidos. Identificado o silêncio na linguagem de sujeitos afásicos, compreende-se a escrita do nome como mecanismo de ressignificação. Para assimilar como ocorre esse processo, ampara-se esta reflexão em conceitos da linguística, da neurolinguística discursiva e da psicanálise como veremos nas seções seguintes em que são abordados o ato de escrever, os aspectos metodológicos, as observações e as análises de alguns dados que partem de indícios de estabelecimento de sentido na interação de um pesquisador linguista com uma pessoa com afasia, MJ, e para se chegar às considerações finais, vejamos.

O Ato de Escrever: exercício da subjetividade

Antes de abordarmos a escrita, enquanto materialidade linguística e exercício de subjetividade, lembramos a analogia do signo linguístico com uma moeda, feita por Saussure (1916), ao dizer que o signo linguístico tem dois lados indissociáveis: o significante e o significado. O significante diz respeito ao aspecto acústico e o significado ao conceito. Em outras palavras, a moeda é o signo e os lados inseparáveis são o significante e o significado. Saussure postula que a língua e a fala apresentam-se como partes integrantes de um circuito que tem início no cérebro, nos conceitos associados às representações dos signos linguísticos, e deságua em efeito psíquico da ordenação cerebral de impulsos relacionados à imagem aos órgãos responsáveis pelo sistema fonador e auditivo. Esse circuito é denominado por Saussure como “Circuito da Fala” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 43). Saussure nos apresenta e esclarece a dicotomia entre “langue”, que é da ordem do social e “parole”, que é individual. Essas dicotomias são essenciais para compreensão do conceito de valor linguístico, em meio às relações associativas e sintagmáticas, que Saussure traduz pelo exemplo do valor da moeda: o valor da moeda não equivale ao valor do material do qual é produzida, mas sim, ao valor que lhe é concebido por convenção social. Dessa maneira, ele assevera que a língua é forma e não substância (SAUSSURE, 2012 [1916]).

A escrita, enquanto materialidade de signos linguísticos, concebida por convenção, produzida a partir da interpretação individual e imersa em contexto histórico e social, possibilita, também, o indivíduo situar-se no mundo. Isso quer dizer que, para além das

estruturas linguísticas, cada enunciado produzido por um sujeito está inserido em um contexto singular, portanto é único (BAKHTIN, 2012), cada um tem uma forma própria. A escrita só é possível por um exercício de subjetividade, de trabalho linguístico, de heterogeneidade, de possibilidade de conhecimento (SANTANA, 1999, p. 83) pelo qual o sujeito vai se apropriando dos recursos, assumindo seu papel de “sujeito da escrita”.

O sujeito ao nascer encontra-se imerso no universo de linguagem e contínua construção de significados. O sujeito é submetido aos significantes que lhe são concedidos pelas relações ao redor e às normas que possibilitam a construção de novos significantes, bem como a ordem simbólica que institui a linguagem (MAXIMO PELIS, 2020). Como parte da linguagem, o código da mensagem tem a função de apreender a verdade de cada indivíduo, aquilo que faz sentido para ele.

A linguagem de que se trata, como investi tempo, cuidado, trabalho e paciência em articular, é a linguagem em que podemos distinguir, entre outras coisas, o código da mensagem. Sem essa distinção mínima, não há lugar para a fala. É por isso que, quando introduzo esses termos, intitulo-os de *Função e campo da fala* – esta é a função – e *da linguagem* – este é o campo. A fala define o lugar daquilo a que chamamos verdade. (LACAN, 2011, p. 25).

Lacan refere-se aos códigos de mensagem como linguagem, o que traduz o real e a verdade do sujeito. É na expressão de sua verdade que o sujeito se constitui. É a linguagem atividade constitutiva do sujeito, é nela e por ela que expõe e demonstra sua forma, consolidando-se como sujeito.

A expressão de verdade do sujeito é realizada no uso da linguagem que ancora o jogo de significantes e constitui a significação discursiva. A palavra se constitui no fluir das interações, das trocas, tomando forma e significados, a partir de cada singular contexto. As interações sociais, as trocas entre o um e o outro sujeito, formam atividades discursivas, que mesclam a linguagem e a vida como todo. Por sua vez, os códigos de mensagem espelham sentimentos, carregam sentidos, imbuídos em historicidade e afeto.

Linguagem e afeto

Lacan (2011, p. 25) diz que a língua “define o lugar daquilo a que chamamos verdade”. A língua expressa o resultado de uma seleção entre simbólicos com objetivo de sustentar algo que diz respeito ao sujeito: “é a sustentação necessária de uma sequência discursiva, de cadeias significantes contingentes, onde circuitos afetivos estão implicados” (STARNINO, 2018, p. 134). Circuitos afetivos, no sentido de afetar, e de dar sentido, condutores aos contrastes necessários que revelam, na forma, o sujeito que na/pela linguagem (re)constrói a sua história. É assim, calcado no afeto, que o real se

tenciona e prontamente se manifesta ecoando em transformações e rearranjos das cadeias significantes do sujeito.

Afetar é abalar, tocar, tanger e mover. O que afeta o sujeito é o que tem sentido para ele, o que faz parte de seu universo e de sua história. É pelo afeto que o sentido se manifesta, é pelo afeto que significante e significado são elencados para desvelar o sujeito da linguagem e os sentidos materializados no verbal e no não verbal.

A linguagem comporta a língua e a fala, “e sempre há um trânsito entre a oralidade e a escrita” (COUDRY, 2006, p. 8), mesmo quando ambas estão implicadas. Em sujeitos afásicos, em que a linguagem oral é comprometida, a escrita pode emergir como forma alternativa de significação, o rearranjo possível. A escrita é linguagem, com significante e significado, igualmente comporta sentidos que dão forma e constituem o sujeito como veremos nos dados de MJ, na seção “Dados e análises”.

Aspectos metodológicos

O estudo realizado é de caráter longitudinal e as análises dos dados são de natureza qualitativa. O acompanhamento da linguagem do sujeito MJ, 83 anos, professora aposentada, que apresentou afasia de expressão e hemiplegia à direita, após acidente vascular cerebral hemorrágico (AVC), foi iniciado após aprovação pelo Conselho de Ética Parecer Nº 4.565.671 e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), presencialmente em seu domicílio. Em relação ao momento pandêmico, informamos que a pesquisadora e MJ já tinham sido imunizadas contra COVID-19 no início das seções de acompanhamento, em 2020, e que foram utilizados equipamentos de proteção individual (touca, luva, máscara, jaleco e uso do álcool em gel) em todas as sessões. Neste texto, são apresentados dados coletados em duas seções.

As análises dos dados estão ancoradas na concepção abrangente de linguagem proposta por Franchi (2011) e que faz parte do arcabouço teórico-metodológico da neurolinguística discursiva. Os dados apresentados neste artigo são produtos de situações enunciativo-discursivas e são possibilitados “pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (COUDRY, 2011, p. 17), neste caso entre o ISMP e MJ. Os dados foram analisados e teorizados de forma dinâmica conforme o conceito do dado-achado proposto pela metodologia da Neurolinguística Discursiva. O dado-achado é fundamentado em uma concepção heterogênea e indeterminada de linguagem, em que o sentido é construído e não dado de antemão (COUDRY, 1996; COUDRY; FREIRE, 2011), essa concepção favorece o olhar para o funcionamento da linguagem na interação entre investigador e sujeito.

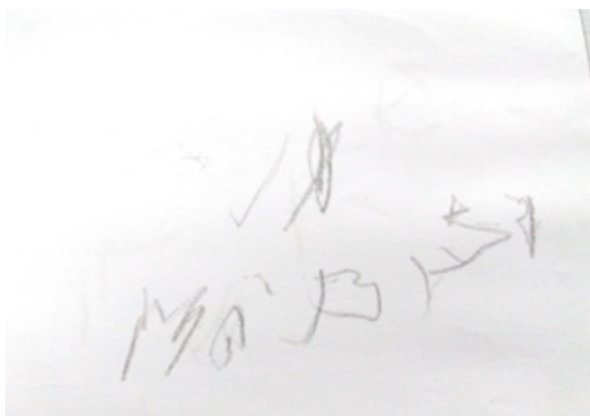
Dados e análises

MJ, por conta do comprometimento neurológico, não se expressava pela oralidade, o que motivou a pesquisadora a oferecer-lhe instrumentos para prática da escrita: caderno de desenho e gizão (tipo de giz mais encorpado, que facilita a pegada quando não há controle dos movimentos de pinça). Nos primeiros encontros, a pesquisadora traçou “códigos de mensagens” pelo piscar dos olhos e pelos dedos com MJ. A vontade que MJ tinha para se expressar era grandiosa e, como educadora e professora, sabia bem a importância da escrita. Embora destra, significava-se na insistência da escrita com o membro superior afetado pela hemiplegia, demonstrando resistência à sua condição e fortalecendo a afetividade que move sua expressão escrita, e a faz sujeito de sua história, sujeito de linguagem.

No processo de escrita, MJ escolheu fazer o próprio nome. Embora fosse chamada por um apelido, foi seu nome de batismo que optou registrar, reinstituindo-se na e pela linguagem. Nas primeiras tentativas, surgiram traços ilegíveis, indícios de vontade. No entanto, sua escrita tomava forma, conforme sua expressão de vontade aumentava. Nas sessões de fonoaudiologia e de fisioterapia, o fortalecimento muscular global estava sendo promovido.

No momento em que foi produzido o dado apresentado a seguir, na figura 1, MJ conseguia se fazer compreendida por linguagem não verbal: expressões faciais e movimentos com as mãos. Por exemplo, certa vez, quando a pesquisadora chegou, ela conseguiu expressar que estava com fome: a pesquisadora perguntou como ela estava. Ela fez movimento negativo com a cabeça, baixando sua frente. Ação que provocou a pesquisadora a fazer novo questionamento: “O que houve?”. Ela respondeu levando vagarosamente a mão esquerda até a boca, movimentando os dedos, fechando e abrindo a mão. A pesquisadora perguntou: “Quer comer?”. Prontamente respondeu que sim. MJ conseguira dar maior complexidade aos diálogos, que saíram da linearidade do sim ou não.

Figura 1. Os primeiros registros



Fonte: Banco de Dados da Pesquisadora

Nomear algo é dar visibilidade, assumir singularidade, expressar personalidade. Assim foi com MJ. Aos poucos conseguia novamente expressar sua personalidade, tornando-se visível em sua singularidade. A escrita para MJ era o caminho de volta à vida. Sua afetividade por essa forma de comunicação foi alimentada em sua vida laborativa, como educadora ensinou mais de 600 crianças a escrever o próprio nome e instituir-se como sujeito. Sua memória afetiva alavancou sua vontade em insistir na escrita até o cansaço a dominar e ela pedir para parar.

Figura 2. Tentativa de escrita do nome



Fonte: Banco de Dados da Pesquisadora

Em outro momento, outro dia, a pesquisadora perguntou se MJ queria escrever e ela disse que sim, balançando a cabeça afirmativamente. Espontaneamente ela se apropria da escrita de seu nome. Após duas tentativas havendo a intervenção da pesquisadora para virar a página do caderno de desenho, MJ consegue escrever seu nome de forma linear (Figura 3) e sorri confirmando o reconhecimento de sua conquista, de seu progresso, de seu reencontro com sua linguagem escrita e toda sua complexidade. Esse reencontro se confirmou com a escrita também de: amor, Ana, fé. Palavras que para ela são mais do que signos, carregam sentidos que hoje ela consegue expressar: *amor*, sentimento que tem pelos filhos, pela profissão e pela vida, *Ana* a filha com quem tem maior proximidade e *fé* representando sua devoção à Nossa Senhora. O que lhe afeta, lhe impulsiona. As escolhas na escrita de MJ não são aleatórias. Há a urgência em se expressar e se mostrar sujeito inserido em um contexto histórico, que tem seus pensamentos e escolhas fundamentados nas relações construídas ao longo de sua vida; relações de, com e por afeto. O que faz com que cada dado seja singular, cuidadosamente elencado para fazer sentido naquele momento, e não em outro, para aquele sujeito e não para outro.

Figura 3. A escrita do nome



Fonte: Banco de Dados de Pesquisadora

A escrita que é linguagem, nesse momento, é constitutiva do sujeito. Para o sujeito instituído revelou-se a linguagem constituinte, fundamentada no afeto e no contexto histórico e social de MJ.

Considerações finais

Escrever o próprio nome é uma expressão de identidade, propriedade e afetividade. Na afasia, a escrita pode se revelar como mecanismo de ressignificação, cujo acesso se dá pela afetividade e sentidos. O sentido que fundamenta o caráter constituinte da linguagem verbal e não verbal cunha o sujeito histórico e social, reposicionando-o enquanto sujeito de e pela linguagem. Para demonstrar esse mecanismo, foram apresentados dados e análises do sujeito MJ, 83 anos, professora aposentada, que apresentou afasia em decorrência de AVC. Os dados produzidos por MJ, em meio à interação com o pesquisador, revelam processo de (re)significação e (re)constituição do sujeito fragmentado em decorrência de acidentes cerebrais, na e pela linguagem escrita. A (re)significação de sujeitos afásicos, silenciados, ocorre na consolidação de sentidos, em que a afetividade impulsiona o sujeito em direção à expressão escrita (meio possível de comunicação enquanto a comunicação oral não é viável), e o faz sujeito de sua história, sujeito de linguagem. A escrita, ato de linguagem que ordena o caos no universo fragmentado do sujeito afásico, pode possibilitar a reapropriação de sua história e de sua identidade, sua reconstituição.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução M. Lahud e Yara F. Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAUMAN, R. Speaking in the light: the role of the Quaker minister. *In*: BAUMAN, R.; SHERZER, J. *Explorations in the ethnography of speaking*. London: Cambridge University Press, 1974.

BURKE, P. Anotações para uma história social do silêncio no início da Europa Moderna. *In*: BURKE, P. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolinguística? *In*: CASTRO, M. (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 179-194.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). *In*: COUDRY, M. I. H. (org.). *Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 23-48.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; GOMES, T. de M. Sem falar, nem ler e ainda sujeito de linguagem. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 1375-1384, 2006.


FRANCHI, C.; FIORIN, J. L. *Linguagem Atividade Constitutiva*. São Paulo: Editora Parábola, 2011. p. 11-31.

LACAN, J. *O Seminário – livro onze – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MAXIMO PELIS, S. *Silêncio à linguagem em uma instituição de longa permanência para idosos*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) .- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

SAMPAIO, N. F. S. *Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.



SANTANA, A. P. O. *O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolinguística*. 1999. Tese. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls000188790.
Acesso em: 18 jun. 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].

STARNINO, A. *Entre o couro e carne: Jacques Lacan e a questão de identidade e identificação*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.